

**OS MUITOS CAMPOS EM *ENTRE AS
MEMÓRIAS SILENCIADAS*, DE UNGULANI
BA KA KHOSA**

**THE MANY FIELDS IN *ENTRE AS
MEMÓRIAS SILENCIADAS*, FROM
UNGULANI BA KA KHOSA**

CARLA TAIS DOS SANTOS¹

Data em que o trabalho foi submetido: **18/03/2024**

Data em que o trabalho foi aceito: **29/05/2024**

¹Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Coautora do livro *Pensando o Cinema Moçambicano* (Editora Kapulana, 2018). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Email: carla.tais.santos@usp.br

OS MUITOS CAMPOS EM *ENTRE AS MEMÓRIAS SILENCIADAS*, DE UNGULANI BA KA KHOSA

RESUMO

O romance *Entre as Memórias Silenciadas* (2013), de Ungulani Ba Ka Khosa, trata da história da família Chibindzi, desde os tempos coloniais até os primeiros anos após a conquista da independência em Moçambique. Dividido em três núcleos, que se intercalam ao longo da narrativa, a obra evidencia as violências que marcam as pessoas e os lugares atravessados pela experiência do colonialismo. Nesse contexto, os campos de reeducação, idealizados, no processo de independência, como espaços de formação do homem novo, emergem como lugar da morte e do esquecimento. Porém, ao investigarmos o papel desses campos ao longo da História, percebemos que nem sempre foi assim, já que eles serviram a diferentes interesses em contextos diversos. Tais fatos indicam que os campos coexistentes no romance e fora dele passaram por processos que tornaram boas intenções em significativos atrasos para a libertação do país. Identificar esses campos e esses processos é o objetivo deste trabalho.

Palavras-chave: Moçambique. Campos de reeducação. Romance. Ungulani Ba Ka Khosa.

THE MANY FIELDS IN ENTRE AS MEMÓRIAS SILENCIADAS, FROM UNGULANI BA KA KHOSA

ABSTRACT

The novel *Entre as Memórias Silenciadas* (2013), by Ungulani Ba Ka Khosa, deals with the history of the Chibindzi family, from the colonial period to the first years after the conquest of independence in Mozambique. Divided into three sections, which are interspersed throughout the narrative, the work highlights the violence that marks people and places traversed by the experience of colonialism. In this context, the re-education camps, idealized in the independence process as spaces for the formation of the new man, appear as a place of death and oblivion. However, when we investigate the role of these camps throughout history, we realize that this was not always the case, as they served different interests in different contexts. These facts indicate that the camps that coexist in the novel and outside it has gone through processes that have turned good intentions into significant delays for the country's liberation. Identifying these camps and these processes is the aim of this work.

Keywords: Mozambique. Re-education camps. Novel. Ungulani Ba Ka Khosa.

Em 2024, o romance *Entre as Memórias Silenciadas* (2013), de Ungulani Ba Ka Khosa, completa 11 anos de sua primeira publicação. Se considerarmos que o autor iniciou o desenvolvimento do enredo em *No Reino dos Abutres*, editado em 2002, já se passaram 22 anos. E apesar de ser uma narrativa que se opõe ao silêncio, a obra segue sem reedição em seu país de origem e sem uma versão nas demais nações de língua portuguesa. Talvez porque olhar para as tragédias que marcam a história seja uma tarefa desafiadora, ainda mais quando essa mesma história carrega a vitória da gloriosa luta em defesa da independência, contra o colonialismo e pela libertação de Moçambique.

Em resumo, *Entre as Memórias Silenciadas* divide-se em três núcleos narrativos. No campo de reeducação, no Niassa, ao Norte, estão Gil, Armando e Tomás. Em Maputo, ao Sul, na cidade que é a capital do país, estão Pedro, irmão de Gil, e os amigos Mário, José e Antônio. Já no mato, sem referências geográficas, ao contrário dos demais espaços, está a tia-avó de Pedro e Gil, a velha matriarca da família *Chibindzi*, com os jovens *Jonasse* e *Feniassa*. A narrativa se estrutura na alternância dos acontecimentos em torno desses três núcleos e é mobilizada pela tensão entre presente e passado, cidade e campo, prisão e liberdade, saúde e doença, velhice e juventude, modernidade e ancestralidade, entre outras questões. Tal jogo de paradoxos provoca o leitor a diluir “o passado no presente, a ficção na realidade, fazendo da literatura um vivaz espaço para o debate político” (Gallo, 2015, p. 293).

Apresentado o enredo, cabe destacar que este artigo tem por objetivo cotejar os espaços ficcionais dos campos presentes no romance com os territórios rurais e factuais existentes em Moçambique do período colonial até os primeiros anos após a independência – arco histórico que serve de pano de fundo para a narrativa de Khosa. Sendo assim, a análise do ambiente da cidade e das personagens que circulam por ela não será o foco deste texto. Todavia, ressalta-se que no romance moçambicano é frequente a representação do cenário urbano como um território hostil aos ideais da revolução, enquanto o campo, por oposição, é o lugar onde a luta se forja e semeia-se um amanhã promissor. Como observa Nazir Can:

Craveirinha e Noémia de Sousa redimensionaram a virtualidade poética e política do mundo suburbano de Lourenço Marques, assim como Luís Carlos Patraquim e, mais recentemente, Hélder Faife descobriram novos ângulos da capital no período pós-independência. Também no conto e, sobretudo, na crônica as investidas à capital têm sido frequentes desde então. Mas no romance, gênero urbano por excelência, a

cidade de Maputo – tão profundamente a(du)lterada pela história, a despeito de sua juventude – é ainda um livro com muitas páginas em branco. De resto, quando o romance angolano começava a viajar para fora da cidade, e inclusive do país, especialmente com a produção de Ruy Duarte de Carvalho, o moçambicano fazia o percurso contrário, integrando Maputo apenas em finais do século XX (Can, 2020, p. 56).

Não por acaso, em *Entre as Memórias Silenciadas* (Khosa, 2013), a personagem central do núcleo da cidade, Pedro, constantemente atordoado com pesadelos e um mal-estar incessante, só encontra alguma paz e esperança quando decide sair de Maputo e embrenhar-se no mato. Lá, misteriosamente, ele encontra a até então desconhecida tia-avó paterna e a jovem leprosa que mora com ela, Feniasse, que entrega sua virgindade ao moço da cidade, simbolizando a sementeira de uma terra doente por um possível novo tempo e a junção de dois mundos, o urbano e o rural. Esta cena intrigante remete a muitas décadas antes, quando o avô – de Pedro e de Gil, irmão da matriarca – fugiu do mato para a cidade, entre outros motivos, por não concordar com o abate de um boi, ao qual ele se afeiçoara, durante um ritual de homenagem aos antepassados. Inclusive, este teria sido o motivo das desgraças que no futuro recaem sobre os netos. Assim, quando Pedro faz o caminho contrário do avô e retorna da cidade para a terra ancestral, ele parece quebrar uma maldição e se salvar de um futuro trágico. Como se a superação do esquecimento de suas raízes resgatasse a continuidade da sua linhagem.

Deste modo circular, o romance de Khosa inicia no mesmo espaço em que termina: no mato, esquecido até mesmo das guerras, onde muitas vezes apenas uma mesma família morou ao longo de gerações e gerações, a exemplo do que lemos em *Entre as Memórias Silenciadas* (Khosa, 2013). É neste lugar alegórico e deslocado, sem nome ou qualquer referência no mapa, distante da cidade e perto dos ancestrais, que o sonho de um futuro digno se realiza. É neste campo que o homem está plenamente integrado à natureza, morrendo e renascendo com ela dia após dia. Tanto que uma cena de masturbação inaugura o romance. Nela, o vento é a entidade erótica que fecunda a velha matriarca e lhe revigora o prazer pela vida:

O vento, soltando murmúrios ásperos, foi percorrendo a grande planície onde outrora se alcançavam dois promontórios que perderam a virilidade com as intempéries incontroláveis dos trópicos da desgraça. As mãos, num gesto desprezível, calcaram os montículos de uma fluidez de pântano e seguiram, céleres, em direção ao bosque dos espíritos que cercaram com a cautela de sempre. O falo empertigado, nervoso, prenhe de estrias trementes, penetrou asperamente no poço seco dos espíritos da

vida. A língua do vento, tal como a do camaleão, vagueou desesperadamente pelos cantos do quarto. Um grito amordaçado de gozo sofrido abriu as portas da noite (Khosa, 2013, p. 19).

Entretanto, se no mato onde moram os ancestrais a natureza é fonte de prazer para o humano, no campo de reeducação, onde está Gil, irmão mais velho de Pedro, a natureza é a causa do seu sofrimento. Diferente de Pedro, que por livre vontade decide sair da cidade e ir para o mato, Gil foi arrancado da cidade e enviado ao campo como um castigo. Ele é um condenado. Seu crime: denunciar os paradoxos do recém instaurado regime pós-independência. A pena: o abandono no campo de reeducação no Niassa, bem longe, distante dos códigos de seu mundo urbano. Nas palavras de Gil:

Agora, aqui, nesta selva, tudo me é estranho. Nada me encanta. O verde que me cobre é silencioso nas manhãs e tardes [...]. Um e outro pássaro quebra a monotonia em tons tão desafinados para os meus ouvidos [...]. Por vezes, e não são poucas, o vento, ensurdecedor, dá açoites desmedidos às árvores que acordam doridas e sobressaltadas da letargia secular com gemidos e choros, abanando sofridamente as intermináveis mãos, feitos cataventos desvairados, em manhãs e tardes de tempestade tropical de efeito devastador nas desabitadas zonas do norte mais profundo do meu país. Nesses momentos de dor da natureza, a repulsa e o medo apossam-se do meu corpo. [...] É o momento de pânico (Khosa, 2013, p. 47).

Como lemos, no campo de reeducação o vento será “ensurdecedor” para Gil, já no mato soltará “murmúrios” para a matriarca. Como em um espelho, a mesma imagem, no caso o vento, externará sensações absolutamente diferentes. Este contraste entre os dois campos ficará cada vez mais evidente à medida em que a narrativa avança. Desta maneira, no campo de reeducação a natureza será evocada, na maior parte das vezes, sob o signo da morte, da decomposição, da dor e da desolação. Já no mato, ela será vida, renascimento, regozijo, esperança – ainda que tudo isso se misture a uma densa aspereza.

Outro aspecto que diferencia o campo de reeducação do mato é o número de habitantes e de edificações em cada um dos espaços. Do mato, este lugar sem nome, quase fantasmagórico, onde habitam os ancestrais vivos e mortos da família *Chibindzi*, sabemos da casa da velha, de um pequeno curral, onde ficam dois bois e uma vaca, e uma palhota, onde dormem os irmãos *Jonasse* e *Feniassse*. Já no campo de reeducação há a descrição, muitas vezes detalhada, de espaços, equipamentos, objetos, incluindo elementos da natureza que servem de referência, cada qual com diferentes funções, denotando a presença de uma população numerosa, ordenada com algum controle, seja pelo medo dos guardas que atuam na unidade, seja pelas feras que ameaçam, como cercas invisíveis, a

vida dos detidos. Devido à riqueza destas descrições foi possível criar um quadro com os trechos mais significativos sobre o campo de reeducação do romance (Quadro 1).

Quadro 1 – Seleção de trechos com descrições dos campos de reeducação no romance

P.	TRECHO DE <i>ENTRE AS MEMÓRIAS SILENCIADAS</i>
48	Dezenas de palhotas quadrangulares com tetos de paus e uma divisão ao meio e muito próximas umas das outras.
49	Ruas e átrios são comuns.
50	Desenhos de cruzes em configurações geométricas e abstratas, de tamanhos e cores diferentes, nas quatro paredes externas e internas das palhotas, lembrando o estilo de Bertina Lopes.
50	Um infundável milharal, cultivo de verduras (couve, alface, talvez) e legumes (abóbora, batata-doce).
51	Pés de frutas que quando maduras caem no chão, colorindo a terra castanha de verde laranja ou vermelho.
51	Céu azul com algumas nuvens carregadas de fortes chuvas.
52	Um grande barracão, “barracão das decisões”.
52	Uma esteira de palha para cobrir os corpos dos mortos.
53	Fogueiras nas varandas das casas à noite.
53	Árvores de ramos grandes e flexíveis, com folhas resistentes aos constantes açoites do forte vento.
53	Terra em alagamento constante.
53	Rio caudaloso, com cerca de 2km, com algumas pedras e intensa corrente de águas, com presença de crocodilos no leito.
54	<i>Rassemblement</i> , pátio onde se reúnem todos os reeducandos para comunicados gerais e outras atividades, com um palanque coberto para reuniões do comando militar e vista privilegiada de todo o campo, que possibilita total controle do movimento no campo.
56	Capim.
56	Presença de leões, hienas, leopardos, cobras e crocodilos nas redondezas.
59	Porta das palhotas de um trançado de ramos leves e frágeis de modo que quem estava do lado de fora podia ver o que havia dentro. O mesmo pode-se se dizer das paredes e dos telhados.
60	Alguns reeducandos fizeram enxergas (camas de palha) de paus entrelaçados de fios descascados dos ramos das árvores.
81	Zona dos doentes infecciosos (tuberculosos e outros).
85	Terra de lama endurecida, “matope”.
127	Presença de kudus, gazelas, impalas, elefantes, zebras, pássaros na outra margem do rio, oposta à do campo de reeducação.
146	Alpendre do velório, pequeno pavilhão sem paredes, com teto travejado de madeiras coberto com tosto entrançado de ramos de palha de um castanho esmaecido. De cada lado do alpendre de 5 metros de extensão havia 6 toros de madeira marcados por ataques de bichos.
147	Um estrado de paus para carregar os mortos.

Fonte: Produção própria.

Estas e muitas outras passagens da narrativa de Khosa não deixam dúvidas quanto à relação do campo de reeducação ficcional com os campos de reeducação que realmente existiram. Mas para falar desta história é preciso voltar no tempo e compreender como os campos de reeducação factuais se originaram.

O movimento pela independência liderado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) “elaborou um discurso e uma estratégia contra o colonialismo português dentro de um modelo bem particular de luta: incorporaram questões específicas da identidade africana, aliado a um discurso enquadrado aos paradigmas marxistas” (Visentini, 2012, p. 91). Contribuiu para a gestação desse pensamento o treinamento que os primeiros combatentes da Frelimo tiveram na Argélia, país do norte da África que, em 1962, após nove anos de guerra, finalmente havia conquistado sua independência da França. Com suporte militar dos aliados argelinos e próximos de outros países que alcançaram a sua independência pela via armada, a Frelimo deu início oficial às suas operações em 25 de setembro de 1964, com ataque a vários pontos administrativos e militares na província setentrional de Cabo Delgado: “os combatentes, após o treinamento na Argélia, mantinham uma retaguarda estratégica na Tanzânia, que servia como base e posto de treinamento, que denominavam Centro de Formação do Homem Novo” (Pachinuapa, 2005, p. 12).

Também chamado de *Nashingwea*, o centro de formação e campo militar de treinamento na Tanzânia, país que, assim como o Malauí e a Zâmbia, já havia conquistado sua independência em 1964, foi o primeiro experimento para a subjetivação de homens e mulheres moçambicanos em revolucionários: “em *Nashingwea*, pela primeira vez a nação fez-se laboratório e a tribo, as diferentes identidades étnicas, morriam para o nascimento do Homem Novo” (Lima, 2017, p. 32). Em um discurso, proclamado em Maputo em 5 de novembro de 1981, Samora Machel, líder máximo da Frelimo e então presidente de Moçambique, recupera o legado de *Nashingwea* na formação de um conjunto de práticas e ideias que marcariam os primeiros anos de independência no país:

Política e militarmente foi forjada a unidade, a partir de um pensamento comum, consciência patriótica e de classe. Entramos em *Nashingwea* como Macondes, Macuas, Nianjas, Nyngues, Manicas, Shanganas, Ajauas, Rongas, Senas; saímos moçambicanos. Entramos como negros, brancos, mistos, indianos; saímos moçambicanos. Quando chegamos, trazemos nossos vícios e defeitos, egoísmo, liberalismo, elitismo. Nós destruimos estes valores negativos e reacionários. Nós aprendemos a incorporar os hábitos e os comportamentos de um militante da

Frelimo. Quando entramos, temos uma visão limitada, pois conhecemos apenas nossa região. Lá, aprendemos a escala do nosso país e os valores revolucionários. Chegamos supersticiosos; no confronto entre a superstição e ciência, adquirimos o ponto de vista científico. Nós éramos desorganizados, suscetíveis ao rumor e à intriga, à corrupção, incapazes de analisar e interpretar os fenômenos. Lá aprendemos a viver de forma organizada, a interpretar corretamente a realidade e a agir. Com frequência chegamos motivados só pelo ressentimento e ódio com relação ao opressor; saímos com uma clara definição do inimigo. É por isso que dizemos que *Nashingwea* foi o laboratório onde forjamos os moçambicanos (Machel, 1981 *apud* Thomaz, 2008, p. 182).

“Inspirada na experiência de *Nashingwea* e nas referências às *ujumaa* da Tanzânia de Julius Nyerere, a Frelimo avançou criando as “zonas libertadas” por todo o território nacional” (Thomaz, 2008, p. 184). Basicamente, as zonas libertadas consistiam na criação de *machambas* comunais, que eram grandes áreas de cultivo agrícola, com experimentos militares, comunitários, sociais e ideológicos considerados laboratórios da futura nação: “surgia assim da luta definida como socialista, contra o imperialismo e contra o colonialismo, o ideal da construção de uma nova sociedade para um novo homem” (Lima, 2017, p. 33).

Na Tanzânia, comandada por Nyerere, essas *machambas* eram chamadas de *ujumaa* e, diversas das instituídas pela Frelimo, não se inspiravam no pensamento vigente na Europa. Segundo Omar Ribeiro Thomaz (2008, p. 202), Nyerere opunha-se ao que chamava de “teologia do socialismo” ou ao socialismo produto de uma “doutrina verdadeira”, canônica. Para o tanzaniano, a ideia de um socialismo africano de tipo não-científico teria por base a experiência, a história e as singularidades africanas. Essa linha era amplamente defendida pela maioria dos movimentos independentistas em África:

numa outra direção, Moçambique foi o primeiro país africano a afirmar sua filiação ao marxismo-leninismo. Assim, devemos enfatizar que a experiência das *ujumaa* na Tanzânia foi profundamente distinta daquela levada a cabo pela institucionalização das *machambas* comunais em Moçambique (Thomaz, 2008, p. 202).

Como indica Thomaz (2008, p. 185), “não é pouco relevante que, aos olhos de parte da população rural concentrada pela Frelimo nas novas unidades produtivas, as *machambas* comunais em muito se aproximavam dos aldeamentos promovidos pelos portugueses” no último período de sua presença em Moçambique. Sob comando do exército colonial, os aldeamentos pretendiam não apenas controlar a população camponesa e evitar seu contato com os guerrilheiros independentistas, mas também materializar um imenso esforço de propaganda em torno da melhoria das condições de

vida da população. Com efeito, ambas as propostas tiveram um profundo impacto nas populações tradicionais submetidas às concentrações promovidas, não apenas em função de suas virtudes – assistência médica, educação, experiência técnica e profissional, etc. – mas, sobretudo, como consequência de seu caráter compulsório, de sua natureza disciplinadora e das inversões e impugnações que promoveram no que diz respeito ao universo social e hierárquico tradicional: “Some-se ainda a escolha da Frelimo de, em algumas províncias, particularmente em Tete e no Niassa, construir as novas *machambas* comunais nos mesmos territórios dos aldeamentos portugueses” (Thomaz, 2008, p. 185).

Assim, em 7 de setembro de 1974, após dez anos de conflitos e também meses depois da Revolução dos Cravos – realizada em 25 de abril do mesmo ano e que deu fim à ditadura salazarista em Portugal, sendo parte do resultado das lutas pela libertação das nações africanas – é assinado um acordo de cessar-fogo entre a Frelimo e as autoridades portuguesas. Um governo de transição é instaurado e em 25 de junho de 1975, Samora Machel, primeiro presidente da terra, declara oficialmente a Independência da República Popular de Moçambique. A data não foi escolhida aleatoriamente, ela marca o 13º aniversário de fundação da Frelimo (República de Moçambique, 2015a; 2015b).

Contudo, antes mesmo da declaração de independência e apenas dois meses depois do acordo de cessar-fogo, em 7 de novembro de 1974, o governo de transição deflagrou a então denominada Operação Limpeza. Grupos de militares bloquearam a boêmia rua Araújo (atualmente chamada Rua do Bagamoyo), entre outras, além de becos e praças do centro de Maputo (na época Lourenço Marques, nome da capital até 1976), com o propósito de deter “agitadores e marginais”, afetando sobretudo as trabalhadoras do sexo que atuavam na região. Segundo o jornal *Notícias*, de 8 e 9 de novembro de 1974, ao final da Operação Limpeza foram detidos 284 indivíduos, dos quais 192 eram mulheres e 92 homens. Entre as mulheres, 142 foram transportadas para destino não revelado sob escolta do Exército Popular de Libertação. Entre os homens, 50 ficaram na capital. Os demais foram soltos. A esmagadora maioria das mulheres presas, soube-se depois, foi enviada para os chamados campos de reeducação, localizados em regiões distantes da capital do país (Thomaz, 2008, p. 178).

Esse cerco à prostituição e às atividades associadas à vida boêmia já no governo de transição denunciava o caráter moral da revolução levada a cabo pela Frelimo: homens e mulheres deveriam ser trabalhadores exemplares, a construção do socialismo passaria

pela necessária eliminação dos “inimigos” e pela superação de comportamentos associados aos vícios do colonialismo e do capitalismo. Para esses e outros “males”, o remédio seria o campo de reeducação. Observa-se que, em comum com as *machambas* comunais, os campos de reeducação tinham a lógica do trabalho e a ruptura com lealdades anteriores (étnicas, religiosas, de classe, de raça, regionais). Entretanto, os campos se diferenciavam das *machambas* fundamentalmente pelo seu caráter punitivo.

Sabe-se que, em diferentes momentos, um imbricado marco institucional atuou no que diz respeito ao envio e à manutenção dos indivíduos nos campos. Trata-se de um complexo sistema marcado pela existência de cortes, pelos ministérios da Justiça e do Interior, pelos tribunais revolucionários, pela polícia secreta (Serviço Nacional de Segurança Popular – SNASP), pelos Grupos de Vigilância Pública e pelos Grupos Dinamizadores: “devemos estar atentos, contudo, ao caráter eminentemente extrajudiciário associado à experiência dos campos, muitas vezes qualificado como excessos ou mesmo desvios” (Thomaz, 2008, p. 189).

Ademais, no contexto da Guerra Fria, a luta armada forjada nas matas da guerrilha pela Frelimo definiu como inimigo interno o moçambicano que ainda não havia se transformado no homem ideologicamente livre das amarras coloniais e imperialistas e que, por isso, era visto como um reacionário. Aos olhos das lideranças combatentes, esse tipo ameaçava o projeto nacional e poderia, inclusive, sabotar a nação de modo a entregá-la à oposição neocolonial. Representado na figura do *xiconhoca* (traidor), pelo Departamento de Informação e Propaganda da Frelimo, o inimigo era todo aquele que deveria ser policiado e punido com vistas a sua reeducação. Baseado na ideia de que quem não estaria com a Frelimo estaria contra a nação, “a figura do inimigo estimulou o desenvolvimento de uma consciência nacional comum” (Meneses, 2008, p. 10). Ao conceito de inimigo interno aliou-se a política de estigmatização das figuras sociais que a Frelimo entendia como improdutivas: prostitutas, desempregados, vadios, homossexuais etc.; ou ainda dissidentes e/ou opositores do Partido.

Mais tarde, em 1983, esse conceito foi radicalizado com a Operação Produção, uma ação policial de natureza repressiva destinada a enviar para zonas rurais com baixa densidade demográfica, em particular ao Niassa, os sujeitos das grandes cidades que viviam na delinquência, no ócio, no parasitismo, na marginalidade, na vadiagem, na prostituição. O propósito seria transformá-los em “elementos úteis, trabalhadores dignos,

cidadãos cumpridores dos seus deveres cívicos, responsáveis merecedores de aceitação social” (Thomaz, 2008, p. 191). Por meio do trabalho disciplinado, do desapego material, da superação de antigas lealdades e do comportamento moral inatacável, esses sujeitos seriam “reeducados” e estariam aptos a fazer parte deste ideal de Homem Novo, no qual todo o moçambicano deveria se transformar. Estima-se que entre 50 mil (Tartter, 1984, p. 201) e 100 mil pessoas (Howq, 1984, p. 277) tenham sido deportadas para o Niassa entre as décadas de 1970 e 1980 (Lima, 2017, p. 34). Lá, concentrados em campos, deveriam *machambar* ao longo do dia e ter aulas de marxismo-leninismo no final da tarde.

Em 1995, uma reportagem do jornalista José Pinto Sá para a revista portuguesa *Público Magazine* revelou histórias e imagens de torturas e abusos cometidos nos “campos da vergonha” (Figura 1). Chicotadas, humilhações, fome, morte são palavras pequenas para descrever o horror dos escravos sem dono, abandonados à própria sorte, muitos exterminados pela Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), movimento de oposição à Frelimo que provocou uma guerra de 16 anos em pleno processo de consolidação da independência.

Figura 1 - Reeducando é açoitado perante centenas de pessoas em Moçambique



Fonte: Reportagem de José Pinto Sá (*Público Magazine*, 1995, p. 20).

Todavia, é curioso perceber que o pesado tom de denúncia da reportagem portuguesa que recai sobre Moçambique não se estende a Portugal. O texto silencia solenemente sobre o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Mantido pelo Estado português na Ilha de Santiago, de 1936 a 1956, conforme registrado no documentário *Memórias do Campo da Morte Lenta* (2011), de Diana Andringa, o Tarrafal deixou poucos sobreviventes entre seus presos, que eram, em sua grande maioria, ativistas e políticos em luta contra o fascismo e em defesa das independências no continente africano. Neste sentido, é preciso estar atento para a cantinela de possíveis usos dos campos de reeducação em Moçambique que objetivem, aberta ou implicitamente, justificar a colonização portuguesa ou qualquer outra perspectiva de depreciação da inquestionável capacidade que os próprios moçambicanos têm para gestarem os rumos de seu país.

Após a reportagem da revista portuguesa, o assunto dos campos de reeducação só voltou a ser abordado em 1999, no documentário *A Última Prostituta*, de Licínio Azevedo, um brasileiro do Rio Grande do Sul, radicado há décadas em Maputo, e considerado um dos maiores cineastas do Moçambique. Ao ver uma fotografia do amigo Ricardo Rangel, em que figuravam dois militares da Frelimo, recém-chegados à cidade logo após a independência, escoltando uma mulher para um centro de reeducação destinado a profissionais do sexo, Azevedo teve a inspiração para realizar o documentário. O material ainda deu origem a um filme de ficção, lançado 15 anos depois, pelo mesmo diretor, chamado *Virgem Margarida* (2013), conforme nos conta Azevedo:

Foram as participantes deste documentário que contaram-me a história da Margarida, uma delas chorou ao fazê-lo. Foram apenas algumas poucas frases sobre Margarida, o suficiente para me fazer ver que ali havia uma grande história. Para mim o tema é que determina o gênero. E, também, por tratar-se de um passado bastante distante, sobre uma personagem já desaparecida, achei que a história seria melhor aproveitada e teria mais impacto como ficção. Escrevi o guião a partir do pouco que elas me contaram sobre a Margarida, incluindo muito das experiências vividas por elas no centro, e servindo-me de algumas delas como inspiração para personagens (Azevedo, 2013, s/p.).

Semelhante processo ocorreu com Khosa. Tudo começou em 1978, época em que o autor era um jovem professor peregrinando pelas escolas do Niassa, região Norte de Moçambique (KHOSA, 1998, p. 1.051). Embora Khosa não desse aulas dentro dos campos de reeducação, por lecionar na região em que os centros foram instaurados,

presenciou e ouviu muitas histórias sobre o assunto. Nas palavras do autor:

Eu cheguei a Lichinga numa quinta-feira [...]. Lichinga era o ponto de passagem [para os que chegavam aos campos ou para aqueles que vinham dos campos de reeducação para receber tratamento no hospital da cidade] [...]. Então no domingo [...] os miúdos da escola primária [foram mobilizados para seguir, apedrejando, o cortejo de reeducandos identificados com cartazes do tipo: “Eu sou ladrão”, “Nós somos corruptos”] até o local do comício [que ocorria com o governador], coisa que eu nunca tinha visto. E aí, no próprio comício, o governador, que era na altura o coronel [Aurélio] Manave, fez um discurso [...] onde pela primeira vez eu ouvi a palavra *chamboco* [chicotada]. [...] Quando uma das mulheres se recusou a responder [uma pergunta dele], [Manave] disse aos polícias: “Deem trinta *chambocadas* a essa mulher”. Isso chocou-me (Khosa, 1998, p. 1.051).

O contato com essas histórias deu origem ao *No Reino dos Abutres* (Khosa, 2002), “obra [...] que encena acontecimentos do passado recente de Moçambique, no qual as zonas rurais, a cidade e os campos de reeducação são perpassados pelo signo da distopia” (Teixeira, 2013, p. 156). Surpreendentemente, o mesmo texto é retomado onze anos depois e relançado com um novo título: *Entre As Memórias Silenciadas* (Khosa, 2013). Consideramos ambos os romances versões de uma mesma obra por tratarem do mesmo tema, com as mesmas personagens principais, os mesmos núcleos narrativos e até inúmeras sentenças idênticas. Neste sentido, pode-se afirmar que *No Reino dos Abutres* foi, em verdade, um ensaio para *Entre as Memórias Silenciadas*. Seja pela diferença de páginas, 67 *versus* 228 (três vezes mais), seja pela estrutura narrativa – inicialmente dividida em capítulos com números romanos e depois nomeada de acordo com as partes de um *Ngodo* (manifestação cultural da etnia Choipe composta por uma orquestra de timbila e dançarinos) – notamos que a última versão é resultado do amadurecimento de um assunto longamente revolido pelo autor. Afinal, foram mais de trinta anos sem esquecer os campos de reeducação.

A insistência em abordar a temática é relevante dada a mudez que ainda paira sobre o assunto. É como se a questão precisasse ser revista na tentativa de melhor acomodá-la dentro do silenciamento que ainda a atravessa. Contudo, é certo que as referências aos campos de reeducação aparecem aqui e acolá, em textos de diferentes matizes ideológicas e no imaginário de uma significativa parte dos moçambicanos. Recentemente estão sendo empreendidas tentativas de se recuperar e sistematizar uma certa memória de indivíduos das forças armadas portuguesas e outros imbricados com o processo político de transição, vide as pesquisas de Omar Ribeiro Thomaz (2008),

Rainério Santos Lima (2017), Fernanda Gallo (2015), João Batista Teixeira (2019). Em que pesem os esforços, ainda é rarefeito o acesso a documentos, imagens e outras informações a respeito do tema. Não por acaso, tanto Khosa quanto Azevedo, por diferentes ângulos, retomaram o assunto em distintos momentos de suas trajetórias.

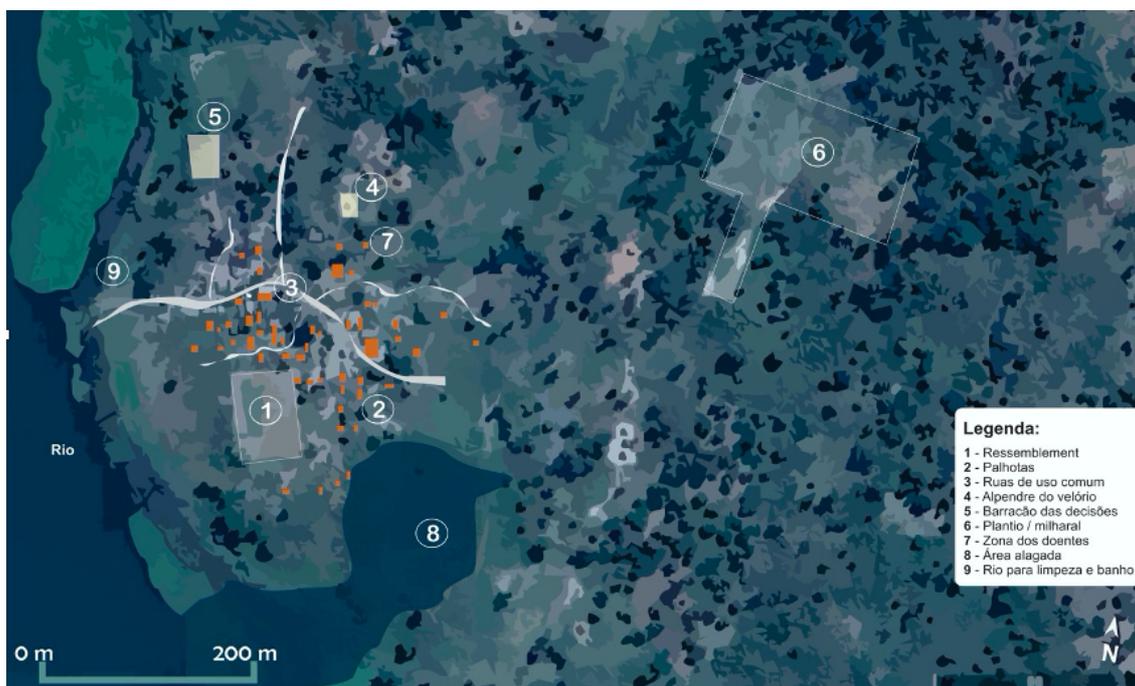
Esta breve contextualização contribui para o entendimento de *Entre as Memórias Silenciadas* (Khosa, 2013), uma vez que a obra é repleta de referências explícitas a esse período histórico. Seguem apenas alguns trechos dos muitos exemplos: “pois em campos desta natureza a produção pouca valia tinha porque o importante eram os homens, alimentados ou não, em processo de reeducação” (p. 53); “quando em concentração no pátio da formatura, aqui chamado de *assemblé*, em alusão e reconhecimento aos campos de formatura na Argélia da solidariedade da libertação” (p. 54); “mandem o tipo para o Niassa. Que apodreça por lá” (p. 62); “a palavra reeducação começou a ganhar corpo com a independência nascente e a entrar na categoria lexical a evitar a todo custo” (p. 66); “É o que dizes: o campo de reeducação é um presente sem futuro” (p. 67); “A zona libertada era o país que se queria, os tubos de ensaio de uma nação que todos desconheciam nos seus contornos mais profundos” (p. 68); “no pátio da escola Pêro da Anaia, agora rebaptizada com o nome de Samora Machel, o pai da nação” (p. 68); “que o nosso destino era a Rússia; o que sabíamos da União Soviética” (p. 70); etc.

Como é possível perceber, Khosa inspira-se no tempo histórico dos campos de reeducação para criar a sua ficção e, com ela, quem sabe, como o próprio texto literário diz: trazer à luz “os compartimentos do passado, [varrendo, sacudindo] o pó das gavetas, [arejando] os quartos [para] pôr a memória fresca” (Khosa, 2013, p. 58) sobre a violência que se abateu sobre o país daqueles tempos. Nas palavras do autor, a obra trata dos anos de 1975 a 1990: “é uma personagem [...] que está num campo de reeducação [é a realidade que eu conheço e agora é que me aventuro a ela]” (Khosa, 1998, p. 1.076). No entanto, dentro deste campo de reeducação criado por Khosa, por mais que abundem as referências à História, a sensação que fica é a de que nada parece chegar perto do que realmente aconteceu. Possivelmente, como já atestou Márcio Seligmann-Silva, porque a narrativa de um trauma, de certo modo, “só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade” (Seligmann-Silva, 2008, p. 67). Não por acaso, o título do romance trata de memórias silenciadas, o que também remete a uma das anedotas que Khosa conta a Michel Laban, ao falar dos tempos na região dos campos de reeducação: “Tive um amigo

que para sair do campo de reeducação ficou três meses sem falar para incutir aos responsáveis que era mudo. [...] Mas o tipo veio e eu perguntei-lhe, já no meu quarto: ‘Tu não falas?’ E ele pediu um papel e escreveu [...]. Mesmo assim nós, a sós, ele não ousava” (Khosa, 1998, p. 1.052).

Com a intenção de somar esforços para dar mais visibilidade às memórias silenciadas dos campos de reeducação é que, com base nas precisas indicações do romance (Quadro 1), além das cenas contidas nos filmes de Azevedo e as poucas imagens reais a que, até o momento, se teve acesso (Figura 1), construímos um mapa (Mapa 1) do que seria o campo de reeducação retratado na obra de Khosa. Criado com a preciosa ajuda da arquiteta Tainá de Paula, com ajustes do designer Augusto Queiróz, o mapa pretende instigar a imaginação e também homenagear a memória de todos que passaram pelos campos reais e imaginários.

Mapa 1 – Campo de reeducação inspirado no romance *Entre as Memórias Silenciadas*



Fonte: elaboração própria, com a contribuição de Tainá de Paula e Augusto Queiroz.

A partir da visualização do mapa, considerando apenas o núcleo do campo de reeducação, é possível identificar nove espaços por onde as personagens do romance transitam. Cada espaço com sua respectiva função. No *resseblement* (Legenda 1), palavra francesa que pode significar reunião, ajuntamento, amontoação, os detentos eram

reunidos para comunicados gerais, palestras, comícios e outras atividades voltadas à formação, punição ou orientação. Nas palhotas (Legenda 2) dormiam guardas e reeducandos. Pelas ruas de uso comuns (Legenda 3) podiam andar tanto os comandantes quanto os comandados. Para o alpendre do velório (Legenda 4) eram levados os corpos dos mortos, que passaram a ser muitos, especialmente nos últimos anos das atividades nos campos. No barracão das decisões (Legenda 5), como o próprio nome indica, eram definidas as orientações que balizavam a ordem no local. O plantio de frutas e legumes e a manutenção do milharal (Legenda 6) ocupava pelo menos metade do tempo dos detentos. A zona dos doentes (Legenda 7) parecia mais um depósito de corpos em decomposição do que um hospital ou posto de atendimento médico. A área alagada (Legenda 8) e o rio para limpeza e banho (Legenda 9), longe de serem espaços de contemplação e relaxamento, eram áreas tomadas por animais selvagens e a mínima desatenção poderia levar à morte.

É interessante como a visualização dos espaços do campo de reeducação ficcional, através deste mapa imaginário, pode dar alguma noção da experiência dramática que viveram os que passaram por ele. É como se o cenário da natureza, geralmente associado à vida, servisse de moldura para um cemitério vivo. As palavras de Armando, jovem detento amigo de Gil, pouco antes de morrer, sintetizam bem esta atmosfera fúnebre:

Vou para a minha viagem definitiva. [...] Nem sei se haverá, nos escritores alinhados, algum com coragem para reter este momento, esta pausa, esta vírgula na história destes jovens loucos que se tornaram deuses do saber na febre da independência. Ninguém guardará na memória estes tempos falhados. [...] Nunca se retratarão em público ou em privado. Com os filhos em idade de entenderem, omitirão o facto de terem cometido a pior borrada [...] por uma ideologia que nunca entenderam e assumiram. A igreja que hoje maculam, tornar-se-á aliada, em tempos próximos, porque irmanam o mesmo conservadorismo nas ideias. Isso é que me dói, Gil: o esquecimento, a impunidade que os rodeará. Somos número, carne de abate, gente sem nome e registro. Não há história para nós. Não há memória. Estes campos irão ser comidos pela floresta. Não restará vestígio do que fomos aqui. A selva apagará a presença humana. Nunca seremos como os outros que legaram, pelo menos, em respeito à memória, dos grandes e pequenos holocaustos, os testemunhos da sua existência. Aqui não. Aqui não haverá registro, não haverá testemunhas. Este tempo será de sonho, de ficção (Khosa, 2013, p. 122).

O desabafo, no fragmento acima, vaticina o presente e desafia as novas gerações a transformar o futuro. Sobre este tema, Paul Ricoeur observa que a memória é ao mesmo tempo matriz da história e reapropriação do passado histórico, o que configura “simultaneamente o enigma e a sua frágil resolução” (Ricoeur, 2003, s/p). Isso porque o

que diferencia a História da memória é o reconhecimento, um privilégio da memória e do qual a História está desprovida: “Ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado [e] podemos colocar em dúvida uma tal pretensão de verdade, [entretanto,] não temos nada melhor do que a memória para nos assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes que declarássemos lembrar-nos dela” (Ricoeur, 2003, s/p). É do desassossego provocado pelo silêncio sobre os pontos cegos da História que nasce o grito, contido no romance, sobre a necessidade de se resgatar a memória dos campos de reeducação. Assim, ao visitar o lugar dos campos, por meio da literatura, o leitor é convidado a experienciar esta realidade e compartilhar das memórias de suas personagens, contribuindo para que estas vozes sejam ouvidas, honradas e consideradas como parte importante de um passado que teima em não passar e que, por isso mesmo, não pode ser esquecido.

Assim sendo, a partir da análise dos espaços existentes no romance *Entre as memórias silenciadas* (Khosa, 2013) e as informações factuais disponíveis sobre esses lugares, podemos identificar ao menos cinco tipos de “campos” presentes no território de Moçambique ao longo do processo de transição e consolidação do governo da Frelimo: 1) Os aldeamentos, impostos pelo exército colonial para controlar a população e evitar seu contato com os guerrilheiros independentistas; 2) Os campos de formação do Homem Novo, espaço de treinamento de combatentes da luta pela independência inspirado na *Nashingwea* criada na Tanzânia; 3) As *machambas* comunais, muitas vezes substituindo os aldeamentos, destinadas ao plantio de alimentos; 4) Os campos de reeducação, muito semelhantes às *machambas*, porém idealizados com caráter reeducativo, mas sendo na prática punitivo, criados sobretudo para os que eram considerados, pelas lideranças da Frelimo, como inimigos da nação; 5) O mato, território esquecido até mesmo das guerras, ocupado muitas vezes apenas por uma pequena família ao longo de gerações, a exemplo do que lemos no romance de Khosa.

A identificação destes espaços e os processos que os instituíram denotam que os campos coexistentes no romance e na vida factual tornaram boas intenções em questionáveis ações no curso da libertação do país. Ao visitar essas experiências a partir do romance, a literatura oferece uma chave para ressignificar a história oficial em busca de versões que consigam dar conta da complexidade destes processos e do aprendizado que eles trouxeram para a formação da jovem nação que, neste ano, completa 49 anos de

libertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A **ÚLTIMA** prostituta. Direção: Licínio Azevedo. Moçambique: Ébano Filmes, 1999. 1 DVD (47 min.).

AZEVEDO, Licínio. Entrevista a Licínio Azevedo, o realizador de Virgem Margarida. [Entrevista concedida a] Jorge Pereira. **C7nema.net**, 21 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.c7nema.net/entrevista/item/40529-entrevista-a-licinio-azevedo-o-realizador-de-virgem-margarida.html>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAN, Nazir Ahmed. **O campo literário moçambicano**: tradução do espaço e formas de insílio. São Paulo: Editora Kapulana, 2020

GALLO, Fernanda. Ba Ka Khosa, Ungulani. Entre memórias silenciadas. **Revista Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, pp. 293-295, 2015.

HOWE, Herbert M. **National Security in Mozambique**, a country study. Foreign Area Studies. Washington: The American University, 1984.

Jornal Notícias, Lourenço Marques, 8/11/1974, p. 14.

Jornal Notícias, Lourenço Marques, 9/11/1974, p. 5.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Entre as Memórias Silenciadas**. Maputo: Alcance Editores, 2013.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. [Entrevista concedida a] Michel Laban. In: LABAN, Michel. Moçambique, encontro com escritores, volume III. **Porto**: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **No Reino dos abutres**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

LIMA, Rainério dos Santos. Memórias indesejadas: os campos de reeducação na ficção de Ungulani Ba Ka Khosa. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, UFSM, Santa Maria, n. 18, pp. 31-39, jul./dez. 2017.

MEMÓRIAS do Campo da Morte Lenta. Direção: Diana Andringa. Portugal: 2011. 1 DVD (88 min.).

MENESES, Maria Paula. **Xiconhoca, o inimigo**: narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 106, pp. 9-52, 2015.

NASCENTES, Antenor. A origem das palavras. **Alfa**: Revista de Linguística, Unesp, Araraquara, v. 5/6, pp. 111-120, 1964.

PACHINUAPA, Raimundo Domingos. **Do Rovuma ao Maputo**: a marcha triunfal de Samora Machel: primeiro presidente de Moçambique. Maputo: editora Maputo, 2005.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Governo de Transição**: Negociações para independência, Acordos de Lusaka. Memórias da Luta de Libertação, Copyright 2015a. Disponível em: <<https://40anos-dev.portaldogoverno.gov.mz/por/Governo-de-Transicao2>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Independência Nacional**: 25 de junho de 1975. *Memórias da Luta de Libertação*, Copyright 2015b. Disponível em: <<https://40anos-dev.portaldogoverno.gov.mz/por/Independencia-Nacional>>. Acesso em: 11, jun, 2020.

RICOEUR, Paul. **Memória, história e esquecimento**. Conferência proferida em inglês a 8 de março de 2003, em Budapeste, sob o título “Memory, history, oblivion” no âmbito da conferência internacional intitulada “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Tradução da Faculdade de Letras de Coimbra. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia>. Acesso em: 10, fev, 2024.

SÁ, José Pinto. Campos da Vergonha: a história inédita dos centros de reeducação em Moçambique. **Público Magazine**, Lisboa, n. 277, 25 jun. 1995. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YsHkqjOuPKg>>. Acesso em: 10, fev, 2024.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, pp. 65-82, 2008.

TARTTER, Jean R. **Government and Politics**. In: TARTTER, Jean R. Mozambique, a country study. Foreign Area Studies. 3.ed. Washington: The American University, 1984.

TEIXEIRA, João Batista. **Tensões do pós-colonial nas obras *Campo de trânsito de João Paulo Borges Coelho e Entre memórias silenciadas de Ungulani Ba Ka Khosa***. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, p. 191. 2019.

TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Ungulani Ba Ka Khosa e a Orquestra da Violência. **Revista Metamorfoses**, Rio de Janeiro, v. 12.1/ 12.2, pp. 155-161, dez, 2013.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 1, pp. 177-214, 2008.

VIRGEM, Margarida. Direção: Licínio Azevedo. Produção: Ebano Multimédia. Co-

Carla Tais dos Santos

Os muitos campos em Entre as Memórias Silenciadas, de Ungulani Ba Ka Khosa

Produção: Ukbar Filmes, JBA Productions, Dreadlocks. Maputo (MZ): Distribution Marfilmes, 2012. 1 DVD (90 min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=7K4E1-KotMc>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas:** Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora Unesp, 2012.